

A & D

R T E E D E C O R A Ç Ã O

Nº 141-A Cr\$ 2 000



RIGOR DA COR

6 ESTILOS DE: Ana Maria Índio da Costa • Ana Maria Vieira Santos • Arthur de Mattos Casas • Bruce Bierman • Chicô Gouvêa • Clare Fraser • Claudio Bernardes • Hélio Pellegrino • Janete Costa • Jorge Elias • Pedro Espírito Santo • Char Delphis Johnson • Samuel Bottero

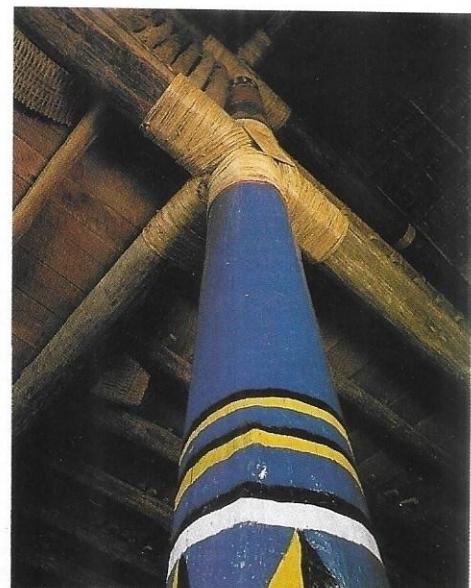


espaço totalmente aberto forma o g. Os jirau acomodam as suítes [a página]. Troncos de aranduba amarrados com cipó dão cultura à casa.

INDEPENDÊNCIA DAS CORES



Uma casa, ou melhor, uma cabana feita sob medida para quem quer se desligar, enxergar a plenitude das cores puras, escutar o murmurhar das ondas, o soprar da brisa. Arquitetura nacional com estilo assinado: o de CLAUDIO BERNARDES, que professa "um espaço para morar ligado ao lugar, ao clima, ao jeito de viver dos moradores e, sobretudo, às raízes brasileiras".



Reportagem e Texto:
Fernanda Guimarães Lopes
Fotos: Sérgio Pagano

Acabana, no melhor estilo de casa de pescador (chic, é claro) fica praticamente aberta nos seus 750 m² de área e 8,5 m de pé-direito no espaço interno.

"Optei por uma casa aberta justamente porque ela está numa ilha (em Angra dos Reis, RJ) ainda não visitada pela violência dos grandes centros urbanos" — explica o arquiteto. "Mas caso os proprietários sintam necessidade, está previsto que ela seja totalmente fechada com venezianas, as mesmas dos quartos."

O térreo é um grande living, onde as únicas passagens com portas são despensa, área de serviço e lavabo. Nas extremidades desse salão, erguem-se dois mezaninos que abrigam os apartamentos, com dormitório, saleta e banheiro. Um é o do casal e o outro, para hóspedes. A sede é território dos adultos, pois as crianças se alojam num ambiente só delas: a antiga casinha de pescadores que já existia ali.

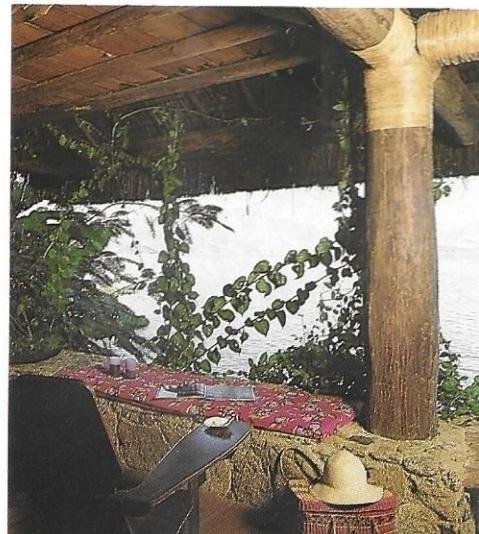
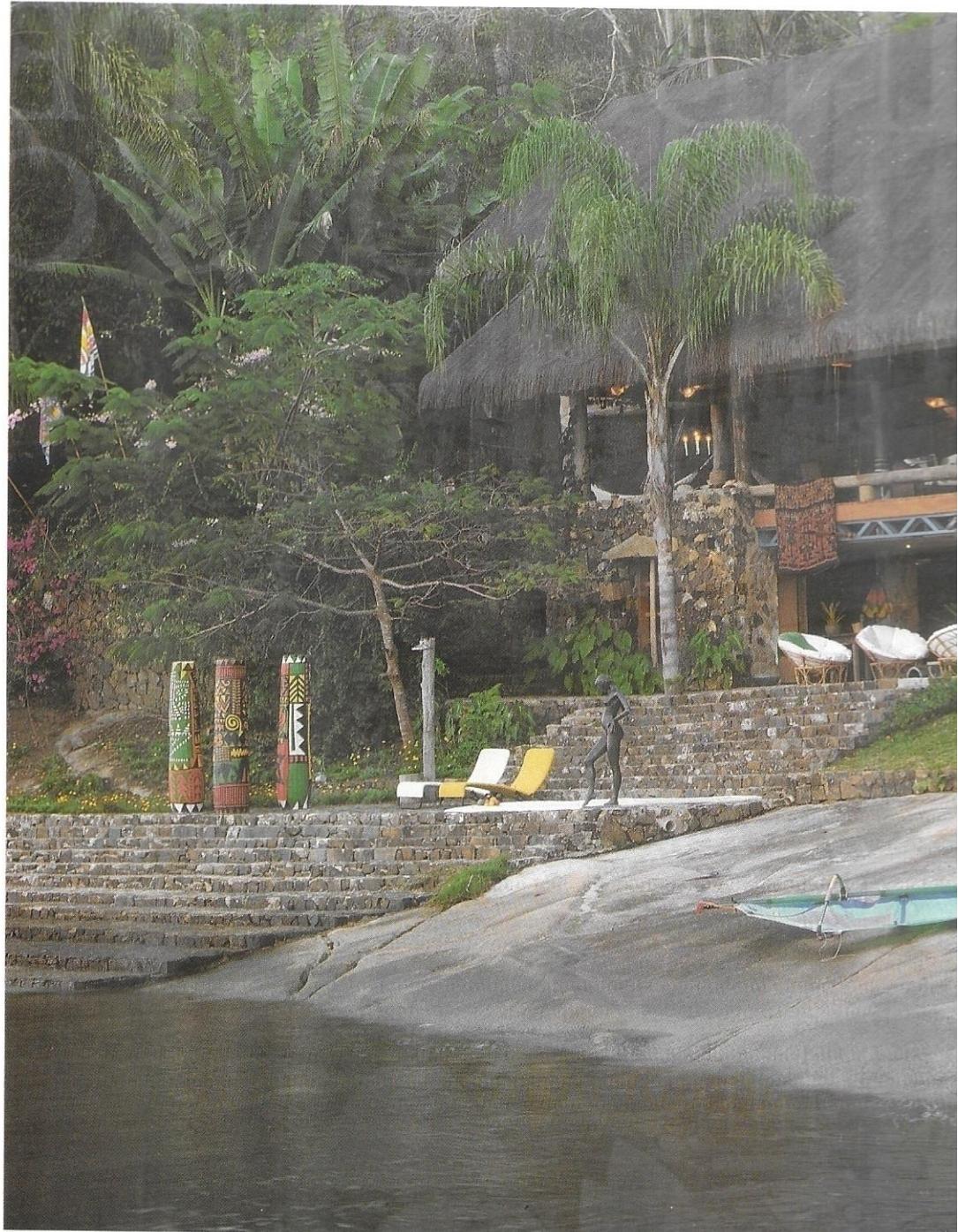
Fiel à sua "marca registrada" — projetar de acordo com o local —, Bernandes escolheu troncos de maçaranduba amarrados com cipó para estruturar a casa, que ganhou cobertura de "legítima" piaçava. Divisórias são ora venezianas, ora biombos de palha. Aproveitaram-se as rochas do terreno. No piso inferior, por exemplo, uma delas foi escavada para abrigar a sala que conduz à praia.

Todos esses elementos, "da terra", ganham vida com o uso da cor. Claudio Bernandes escolheu particularmente os tons primários e secundários, "porque se fundem aos matizes da natureza. Acho que numa certa hora do dia, o azul se confunde com o mar, o verde com a vegetação; o branco, vermelho, laranja com flores e frutos".

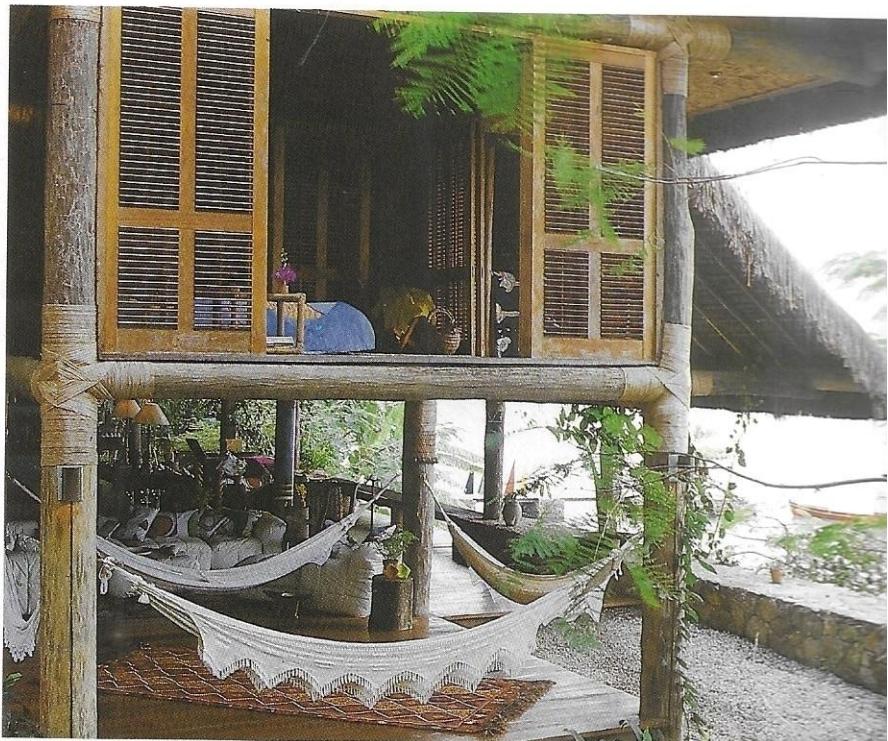
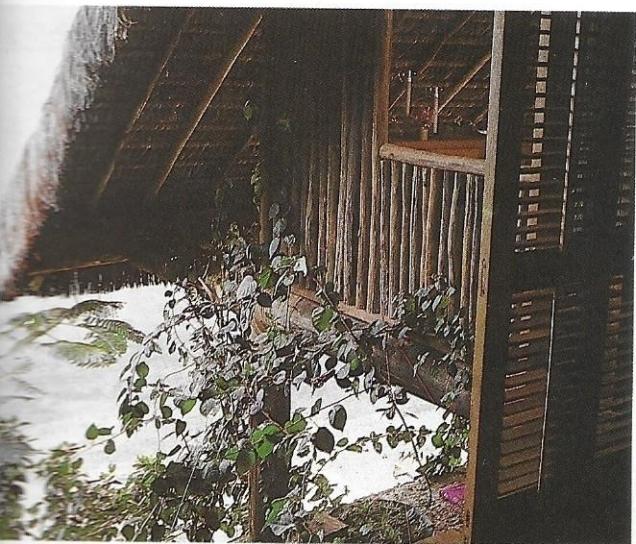
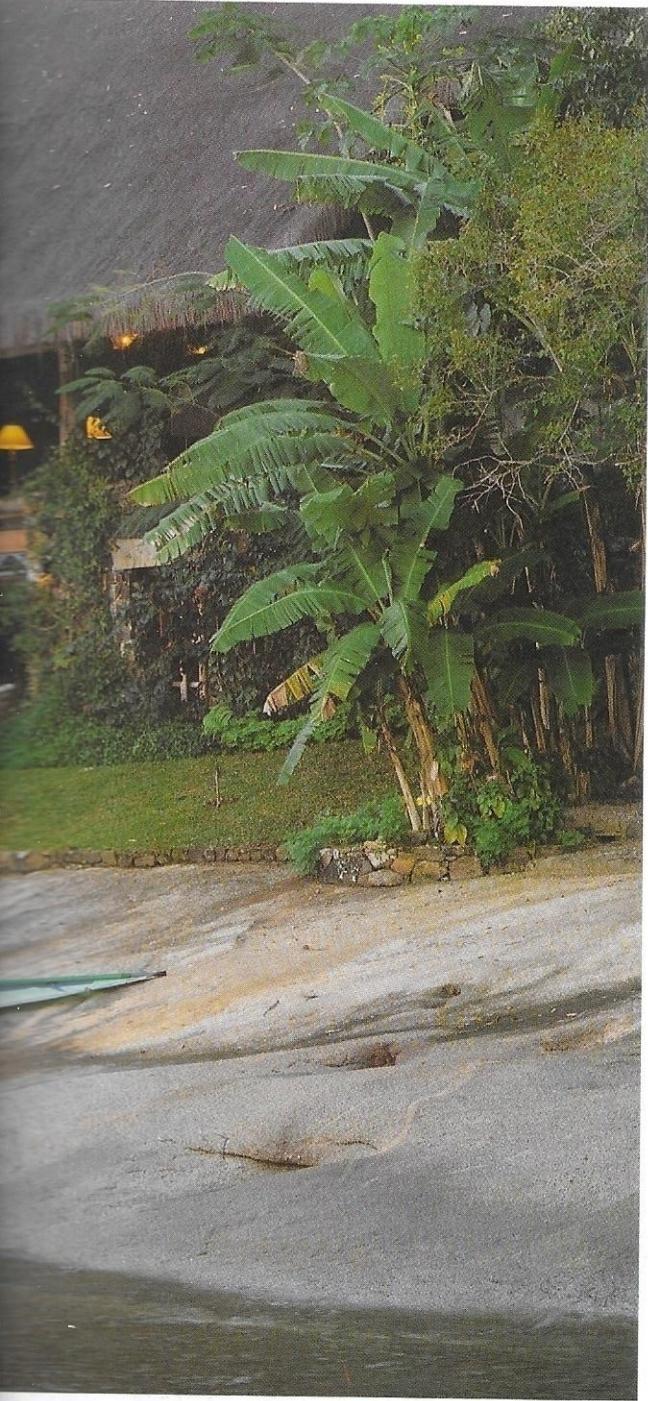
Como os proprietários desejavam "um refúgio para onde pudesssem levar os amigos a fim de escutarem o som do silêncio, os ruídos da natureza e boa música", só há um pequeno, mas eficiente equipamento de som.

O mobiliário tem tudo a ver com a arquitetura. Claudio Bernandes fugiu dos contrastes, tão em moda, exatamente porque não segue a moda. O design dos sofás nasceu na sua pranha e foi executado com cipó, pela Nica, do Ceará. A mesa de jantar (madeira), e os móveis dos quartos (bambus amarrados nos troncos estruturais) são obra de um artesão da própria ilha. Os demais sofás pertencem àinha Strip, da Forma.

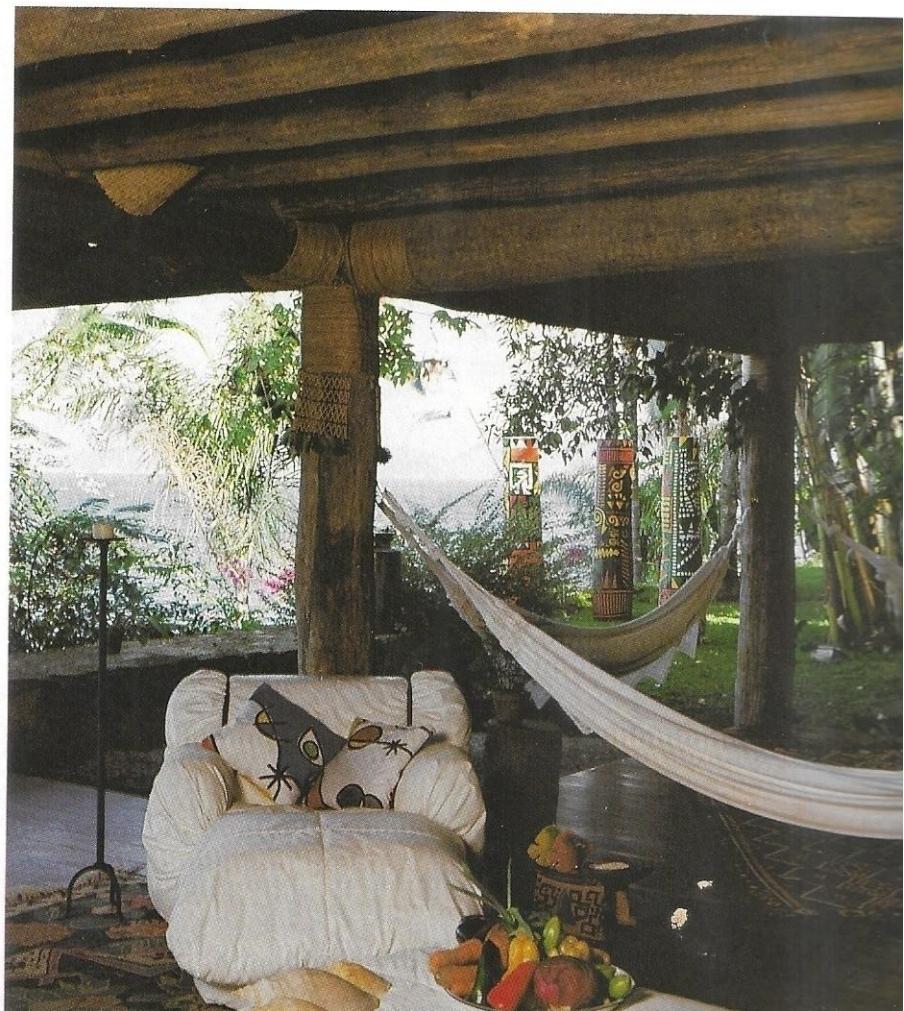
O arquiteto insiste que não "prefere" o rústico. "Usei materiais da terra para esta casa de praia. Se fosse na cidade, seriam outros os elementos, outra arquitetura."



Ele esclarece que "só advoga uma arquitetura adequada ao local". Assim, o litoral que está mais ou menos preservado (como é o caso de Angra, de raras praias no Sul e Sudeste e de algumas do Nordeste) exige construções integradas ao meio ambiente. "Angra ainda pode ser chamada dos Reis porque a Natureza ainda não foi estragada por construções inadequadas. Há uma grande preocupação por parte de todos, inclusive da Prefeitura, para que o ambiente não venha a se deteriorar, como já aconteceu com boa parcela da costa brasileira." Para tanto, ele sugere "um plano sério e urgente que imponha regras de ocupação em toda a angra".



Escavada na pedra, a sala-terraço leva diretamente à praia [à esquerda]. Dos dormitórios, é possível ter uma visão panorâmica do mar. A cobertura de piacava protege a construção e mantém a temperatura agradável [abaixo, à esquerda]. As redes, peças tradicionais do “mobiliário” praiano, não podiam faltar. Elas são presas nos troncos estruturais [acima]. Também brancas são as poltronas Strip Forma [abaixo], dispostas num canto gostoso do living.

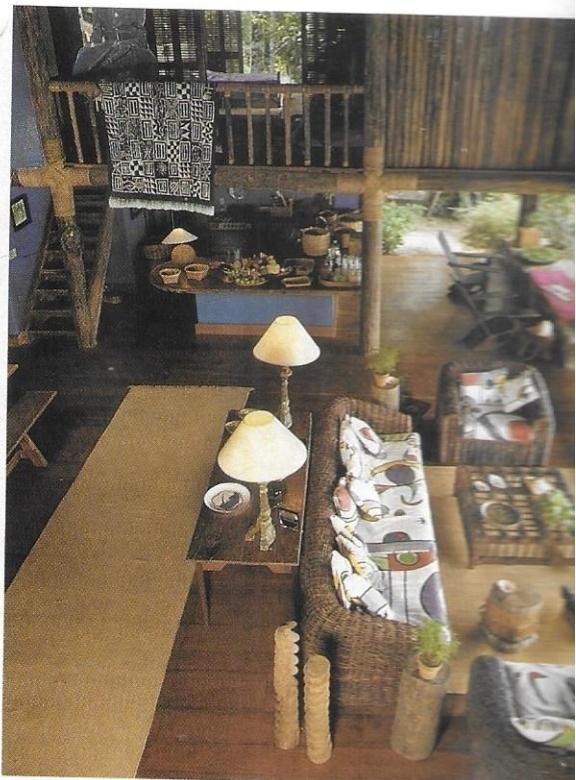
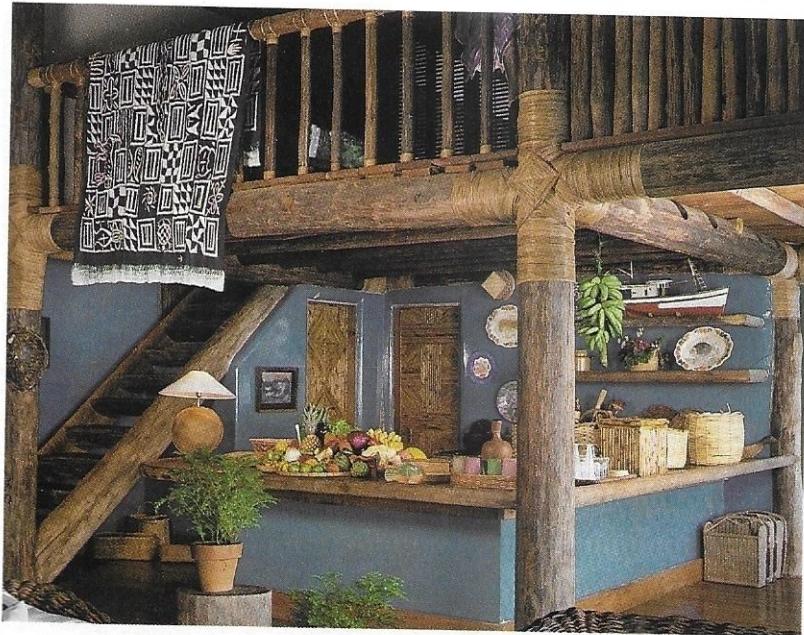


Um refúgio para ouvir os ruídos da Natureza, os sons do silêncio.



Instalado sob um mezanino, a parte “social” do living tem estofados brancos. As cores ficam por conta das almofadas de padrão geométrico e do tapete, que as repetem num tom mais escuro, em singela harmonia [à esquerda no alto]. O cantinho de jogos ocupa um espaço sob a escada de um dos jiraus. Aqui, pode-se ver bem as paredes azuis que, segundo o arquiteto, “confundem-se com a cor do mar em determinadas horas do dia”. Os móveis são de bambu. Um antigo manequim, reciclado e pintado, faz sua graça no ambiente [à esquerda, abaixo].





O azul também envolve o bar, descontraído como as preguiçosas tardes no litoral. Outras cores vêm das plantas e do arranjo de frutas — sempre à disposição de um visitante [acima e abaixo, em detalhe]. Visto de um dos jíraus, nota-se a amplidão do piso térreo [à direita].



Uma conversa superfranca (e agradável) com Claudio Bernardes.



Mesmo nos jiraus, onde ficam os apartamentos — com dormitório, saleta e banheiro — o pé-direito é alto. O recurso garante frescor mesmo nos dias superquentes [acima]. Venezianas mantêm a privacidade dos quartos e também ajudam na ventilação [à direita]. Como essas venezianas fazem as vezes de paredes dos quartos, quando abertas permitem a visão total do mar azul [página oposta, acima]. As crianças têm seu território livre na casinha de pescadores, que já estava no terreno quando foi adquirido pela família. Além de funcional, ela serve de espaço lúdico, evocando as “casas de Tarzan”: sonho da garotada. Mesmo neste espaço descontraído, o arquiteto se preocupou com detalhes: a bancada fechada que guarda roupas e brinquedos, por exemplo [página oposta, abaixo]. Cláudio Bernardes faz pose ao lado de um “amigão”, o pointer “Mathias” [página oposta, no canto esquerdo].



AD: Seu trabalho tem tudo a ver com as raízes brasileiras. É possível conciliar essa arquitetura com as necessidades urbanas de segurança?

CB: Tenho a impressão que algumas pessoas acham que defendo uma arquitetura rústica. Não é bem assim. Defendo a arquitetura ligada ao lugar. Não poria veludo num apartamento de praia, como não colocaria palhas numa casa no Alto da Boa Vista, no Rio, ou nos Jardins, em SP. Não faria cabana na cidade, nem chalé na praia, ou um castelo no Pantanal.

AD: O senhor tem criticado o pós-modernismo e alguns outros "ismos" importados. Por quê?

CB: Sou contra modismos. Meu conceito de arquitetura é a partir de uma vivência de dentro para fora. Não gosto de decorações de fachada nem do interior das casas pós-modernistas, pois fogem à nossa terra, nosso clima. Mas não tenho preconceito quanto a importados. Critico o exagero dos profissionais que fazem um trabalho inadequado. Há coisas lindas neste mundo afora. Mas nem tudo se encaixa ao nosso modo de viver.

AD: Como vai a arquitetura brasileira?

CB: A explosão imobiliária atrapalhou a qualidade da nossa arquitetura. Houve uma profusão de prédios mal projetados, mal-acabados e mal locados, arrasando até o meio ambiente. Acho também que poucas oportunidades foram dadas aos nossos arquitetos — com exceção de Niemeyer, que teve a chance de projetar Brasília e quase todas as outras obras e monumentos importantes. Há grandes nomes com condições de enriquecer a arquitetura sem prejudicar a paisagem.

AD: Ser filho de Sérgio Bernardes ajuda ou atrapalha?

CB: Ser filho de Sérgio Bernardes é um prazer e um privilégio. Conforme a ocasião isso ajuda ou atrapalha.

AD: O senhor se sente influenciado pelo trabalho de seu pai?

CB: Meu pai me deu base necessária para começar na profissão. Mas hoje ele é um pensador, preocupado com assuntos geopolíticos, e eu continuo fazendo "espaços para morar".

